

Entre o *ethos* aristocrático e o associativismo: futebol amador e competência esportiva na cidade de São Paulo (1920-1930)

Aristocratic ethos and associations: Amateur soccer and sports competence in São Paulo (1920-1930)

Diana Mendes Machado da Silva¹

dianamendes@usp.br

Resumo: Inúmeras transformações urbanas e socioculturais caracterizaram a cidade de São Paulo no período 1920-1930, modificando lugares sociais, costumes e padrões de conduta. O futebol não ficou imune a tais mudanças. Duas experiências, a princípio antagônicas, revelam como essa instabilidade marcou a formação do campo esportivo na cidade. A partir da documentação interna da Associação Atlética Anhanguera e do Clube Atlético Paulistano, representantes, respectivamente, dos clubes populares varzeanos e dos clubes de elite, o presente artigo compara momentos das trajetórias das duas associações: apresenta as diferenças na forma como se apropriaram do futebol e as semelhanças em sua recusa a modernos critérios de organização como a competência esportiva. Embora tal rejeição tivesse por base tradições muito diferentes: o associativismo familiar e de socorro mútuo, por um lado, e o *ethos* aristocrático, por outro, ela acabou por contribuir para a formação da ideia de amadorismo, substancial para as práticas e representações do futebol paulistano.

Palavras-chave: futebol amador, associativismo, *ethos* aristocrático, Associação Atlética Anhanguera, Clube Athletico Paulistano.

Abstract: Several urban and sociocultural shifts took place and marked the period 1920-1930, changing social places, customs and standards of conduct. Football would not be immune to such changes. Two experiences at first glance antagonistic reveal how this instability marked the establishment of sports in the city. Based on documents from Anhanguera Athletic Association and Paulistano Athletic Club – representatives, respectively, of the popular clubs situated on the floodplains of the city and the elite clubs – this article compares moments of the trajectories of the two associations. It outlines the differences in the way each one of them assimilated football and the similarities regarding the criteria they used to refuse modern organization processes such as sports competence. The criteria for this rejection were, however, based on quite different traditions: family associations and mutual help in the case of popular clubs and the aristocratic ethos in the elite clubs. Nevertheless, both forms contributed to the establishment of the idea of amateurism, which has been substantial for the practices and the image of football in São Paulo.

Keywords: amateurism, associations, aristocratic ethos, *Associação Atlética Anhanguera*, *Clube Athletico Paulistano*.

¹ Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História.

Apresentação

Desde que chegou a São Paulo, no final do século XIX, o futebol foi apropriado e vivido como uma ação coletiva marcada pelo entusiasmo e pelo engajamento. Pela mesma razão, tornou-se uma prática heterogênea e fragmentada ao ser incorporada a repertórios culturais tão distintos quanto os grupos que tomavam forma na cidade. A elite cafeeicultora, os nacionais pobres, sobretudo ex-escravos e imigrantes, e os incipientes setores médios ofereceram ao esporte conteúdos bastante diversificados durante os anos iniciais do novo século marcado pelas transformações decorrentes da passagem de um modo de vida eminentemente rural para um urbano.

No caso da elite agrária, que aos poucos abandonava as fazendas de café e se transferia para a cidade, por exemplo, tornava-se urgente a criação ou a reordenação dos signos de sua distinção, a qual não desejava abandonar. O rápido crescimento de São Paulo alterara códigos de conduta, padrões de representação social e exigia de seus habitantes formas anônimas de partilhar o espaço da cidade. Situação incômoda para setores da elite que não deixaram de tentar exibir, “pelo modo de aparição pública, suas identidades sociais” (Schpun, 1999, p. 21). Assim, o esporte foi por ela acolhido e difundido como algo que lhe era próprio, uma extensão de seu *ethos* ao denotar uma alegada excelência física. A cidade se modificava, mas o “passado escravista, ainda recente, palpitava nos tratos sociais e na atitude discricionária, peremptória”, alertou Sevcenko (1992, p. 31).

Por outro lado, os grupos dos quais a elite procurava se diferenciar se apropriaram do futebol em situação diversa e, na maior parte das vezes, adversa. Os populares iniciaram a prática de um esporte que, segundo o discurso vigente, não lhes pertencia, mas, ao mesmo tempo, lhes parecia cada vez mais acessível. A ligação desses clubes com os espaços suburbanos rendeu a eles a alcunha de varzeanos. Já conhecido por circular com claro conteúdo pejorativo em referência àqueles que moravam na várzea, esse apelido passou a designar também os times populares que utilizavam os espaços de vazão dos rios para suas partidas de futebol.

Essa e outras denominações não foram rejeitadas pelas camadas mais pobres da população, sobretudo os imigrantes moradores da várzea do Rio Tietê, nos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro. Elas foram, ao contrário, por eles incorporadas e transformadas em uma afirmação identitária corrente, preche de conteúdos novos. Ao final dos anos 1920, remetiam, por exemplo, a um modo de vida que tinha na organização comunitária seu principal pilar. De fato, desde o fim do século XIX, essa população vinha desenvolvendo

um tecido muito denso de associações culturais, artísticas, de ajuda mútua, além das escolas. Essa rede associativa, organizada segundo as diversas origens e sensibilidades políticas, liga-se não somente a uma grande circulação de jornais em língua estrangeira, mas também a uma comunicação intercomunitária (Schpun, 2007, p. 74).

Nessas entidades circulavam os mais diversos interesses, desde “o combate ao alcoolismo, a luta contra os açambarcadores de alimentos ou o movimento pelo barateamento do preço dos aluguéis” (Siqueira, 2002, p. 49), até a oferta de atividades como o teatro e a dança. Embora diversas, tais “práticas recreativas, sindicais e esportivas não necessariamente se autoexcluíam e, em algumas ocasiões, se entrecruzavam no cotidiano dos trabalhadores – mantendo relações entre si e atuando de forma semelhante” (Siqueira, 2005, p. 78).

Característico das comunidades imigrantes, esse modo de vida era fundado na organização coletiva, muitas vezes familiar, o que explica não apenas os negócios e os arranjos econômicos com base nesses laços – que incluíam as próprias associações esportivas –, mas também a série de soluções caseiras para os problemas do dia a dia. Desse modo, o futebol foi incorporado em meio a um núcleo de práticas, valores e sentidos já em andamento na maior parte dos bairros populares, e o associativismo rapidamente tornou-se o traço marcante de seus clubes.

Com isso, duas distintas formas de apropriação do esporte, calcadas em diferenças e desigualdades socioeconômicas, sustentaram experiências também distintas, reafirmando, tal como Elias e Dunning (1994), que não se pode falar do futebol como se se tratasse de algo que existe fora ou de maneira independente daqueles que o praticam.

Ao mesmo tempo, não se pode deixar de notar curiosas semelhanças entre algumas experiências dos clubes de elite e dos clubes de várzea logo após o momento de estabelecimento do esporte na cidade. É sobre tais semelhanças – situadas entre as décadas de 1920 e 1930, em meio ao acelerado processo de urbanização da cidade, à configuração de um espaço público e à profissionalização do futebol – que o presente artigo se desenrolará.

A Associação Atlética Anhanguera: Barthô, Saverio e a competência esportiva

Fundada em 1928, a Associação Atlética Anhanguera (AAA) reuniu boa parte da comunidade ítalo-brasileira localizada na várzea do Rio Tietê, especialmente nos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro. Promovendo

bailes, festivais esportivos e uma série de modalidades lúdicas entendidas como divertimentos indissociáveis do cotidiano da várzea, o clube rapidamente se integrou ao rico cotidiano recreativo dos bairros. Além disso, manteve-se na região com sede social própria, campos de futebol e um estável conjunto de sócios, a despeito das modificações urbanas que levaram ao desaparecimento dos espaços livres do bairro – e, com eles, de inúmeras instituições dedicadas ao esporte e ao lazer. E, mesmo sem nunca ter ingressado nas ligas do futebol oficial da cidade, o clube era frequentemente reportado por *A Gazeta Esportiva* desde 1929 como um proeminente clube amador varzeano.

Foi nesse mesmo período que o clube se viu envolvido num curioso conflito que, em verdade, não desapareceria nas décadas seguintes. As atas do clube revelam que, em outubro de 1928, uma assembleia inteira foi dedicada a discutir a suspensão de um importante sócio e habilidoso jogador do 1º quadro de futebol do clube, Bartholomeu Maggi. Barthô, como era conhecido, teria faltado ao último compromisso com seu clube para atuar em outro fora da capital. Por ser ele um dos mais antigos sócios e um dos fundadores do Anhanguera, a diretoria tomou sua falta como muito grave e resolveu convocá-lo para prestar esclarecimentos em assembleia. A ata reporta que Barthô respondera que,

se praticou semelhante acto, o qual não é de seu costume, foi justamente por ter dias antes discutido com o Sr. Saverio Russo, também jogador de nosso primeiro quadro de foot-ball, o qual promettera que, caso não actuasse no 1º quadro, prepararia uma decepção no campo, decepção esta que [consistia em] tirar as camisas de foot-ball dos corpos de seus companheiros, entre outras criancices (Caderno de Atas da AAA, 15/10/1928).

Na sequência, ele complementou: “Se tal falta cometti mereço as maiores das penas, mas scientes fiquem os Srs. Directores que se isso não fizesse, a promessa do Sr. Saverio seria cumprida no campo de foot-ball. Salveio-os de uma decepção” (Caderno de Atas da AAA, 15/10/1928).

Mesmo utilizando argumentos que procuravam diminuir ou deslocar a importância da acusação que pesava sobre ele, Barthô não foi liberado das maiores penas. A diretoria resolveu suspendê-lo por 30 dias de qualquer dos quadros de futebol do clube, embora permitisse sua circulação pelas dependências sociais. Após a resolução, entretanto, um dos diretores, o Sr. Matheus Sabatini, subitamente “usa da palavra” para dizer não apenas que Barthô

contara a verdade sobre o Sr. Saverio, como também ele próprio possuía queixas contra o associado em questão, que teria tido “a ousadia de exigir os talões de recibo que achava em seu poder a fim de examinar se, de facto, os jogadores que iriam compor o primeiro quadro no próximo domingo estavam correntes em suas mensalidades” (Caderno de Atas da AAA, 15/10/1928).

A repercussão em torno do caso de Barthô chama a atenção, assim como sua defesa diante da assembleia. O jogador utilizou argumentos muito parecidos com os da diretoria para tentar mostrar que também ele estava em defesa do Anhanguera. No entanto, para os presentes, sua atuação em outro clube falava por si. Por outro lado, o citado Sr. Saverio Russo, sócio-fundador e espécie de tesoureiro do clube, vinha intervindo de maneira muito ativa – ou excessiva, na visão de Sabatini – nas questões que envolviam a condução do 1º quadro de futebol, o que foi percebido pela diretoria².

A reunião seguinte ocorreria uma semana depois, em 22 de outubro, justamente quando o Anhanguera fora convidado para um jogo contra o time do Carlos Gomes, seu principal rival, o que acrescentou cores ainda mais fortes ao embate entre os sócios-fundadores. Após o convite, Saverio deu início à sua defesa,

referindo-se ao Sr. Marciano Queiroz que, estando em atrazo nos cofres sociais, era escalado em todos os jogos que este club realizava, que era, portanto, um grave erro que comettia a nossa directoria pois não era justo ser elle substituido pelo Sr. Queiroz na actuação do primeiro quadro, enquanto esse não cumprisse com as suas obrigações (Caderno de Atas da AAA, 22/10/1928).

Quanto à discussão com Barthô, ele afirmou

ser exata, pois que elle, Saverio, era alvo da direcção esportiva toda vez que escalavam o primeiro quadro. Neste caso, já não se tratava de questão da sociedade, mas sim desta direcção esportiva que aliás não poderá ser admissível menosprezando tão esforçado sócio e fundador para amparar forasteiros que aqui se alojam procurando impôr o profissionalismo para a provável decadência de nossa novel e progressiva sociedade (Caderno de Atas da AAA, 22/10/1928).

As críticas de Saverio especificamente dirigidas à direção esportiva criavam, assim, uma oposição entre o esforçado sócio-fundador, representante da sociedade, e a direção esportiva, que apoiava um forasteiro. O primeiro

² É preciso salientar que o 1º quadro era o mais importante de qualquer associação futebolística. Nele eram reunidos os jogadores mais habilidosos. No Anhanguera, havia também o 2º quadro, juvenil, infantil e extra. Adiante, já nos anos 1940, surge também o time de veteranos.

estaria ao lado da estabilidade do clube e o segundo, ao contrário, representaria sua decadência ao impor-lhe o profissionalismo. Note-se que a crítica se dirigia ao forasteiro – evidentemente, o Sr. Queiroz – e não ao sócio-fundador Barthô, muito possivelmente porque este já estivesse devidamente suspenso.

Diante da queixa de Saverio, o diretor Ezzio Marchetti disse “ser sufficiente [acertar] o débito do referido sócio e jogador para que o mesmo continuasse a participar como jogador do 1º quadro” (Caderno de Atas da AAA, 22/10/1928). Ao que o sócio-fundador se adianta ressaltando que tal promessa já havia sido feita há tempos e nunca fora cumprida. Saverio não deixaria a reunião sem antes requerer uma nova e extraordinária assembleia geral na presença de “um certo número de sócios”, no que foi atendido.

Barthô, por sua vez, solicitou, ainda na mesma reunião, a leitura de três cartas que trazia consigo. Na primeira, de próprio punho, ele “pedia mil desculpas e [também para] perdoarem a pena para [que ele] concorre[sse] no próximo festival enfrentando o Carlos Gomes”. As outras continham “dois abaixo-assinados”, sendo o primeiro de “seus colegas e admiradores e o seguinte [d]as gentis torcedoras”, solicitando exatamente o mesmo perdão (Caderno de Atas da AAA, 22/10/1928).

De nada valerem tais pedidos, pois, para a diretoria presente, “as decisões resolvidas, quando justas, devem ser todas irrevogáveis” (Caderno de Atas da AAA, 22/10/1928). E apesar de Saverio conseguir garantir que prevalecessem as regras da sociedade no caso de Barthô e de Queiroz – e, com elas, a ausência desses dois jogadores no referido embate –, ele não alcançou mais que uma posição de reserva na escalação divulgada na assembleia extraordinária por ele solicitada.

Há que se destacar que Saverio foi atendido em sua solicitação por uma assembleia muito provavelmente em razão de sua condição de sócio-fundador. Esse foi o recurso para, uma vez mais, vincular suas condutas à defesa da sociedade, sabendo que a regularidade do pagamento das mensalidades dos jogadores era um tema caro a todos, mas sobretudo a diretores e presidente da sociedade. Barthô, por sua vez, utilizou argumentos que extrapolavam a dinâmica interna do Anhanguera ao mobilizar associados e gentis associadas em seu pedido, evidenciando sua popularidade no clube e no bairro.

É possível notar uma série de motivações heterogêneas nesse episódio. Uma delas já se torna bastante evidente: o desejo de jogar fez com que Barthô e Saverio negociassem, até o último momento, sua participação no principal quadro de futebol do clube e, dessa maneira, no jogo contra o rival Carlos Gomes.

Os impasses envolvendo os critérios para a participação no time principal de futebol do Anhanguera não terminariam com esse episódio. Ao contrário, eles se acentuariam a partir do ano seguinte. Em janeiro de 1929, quando mal começara o calendário de jogos, Saverio reiniciava seus trabalhos indagando se estava incluído no principal quadro de futebol do clube. O diretor esportivo à época irritou-se com as colocações do sócio-fundador e do então presidente, Sr. Antonio Vignola, que antecipou-se dizendo que Saverio entraria na equipe na ausência de um certo jogador. Diante de tamanha intervenção em seu trabalho, o diretor esportivo solicitou sua demissão.

Seu substituto foi o Sr. Delfim da Silva, que, recém-nomeado, já se viu envolvido nesse debate após realizar uma de suas primeiras escalações. Diante dela, o 2º diretor esportivo e os capitães do 1º e do 2º quadro decidiram retirar a ficha de escalação “do lugar em que estava exposta, colocando outra em sua substituição” (Caderno de Atas da AAA, 02/02/1929). Por esse ato, os três rapazes foram convidados a se defender em assembleia. O 2º diretor esportivo expôs sua defesa dizendo que,

em conformidade com os estatutos da sociedade, a escalação do quadro de futebol é feita na presença dos capitães do 1º e 2º quadros e que o Sr. Delphim da Silva não seguia os estatutos, fazendo a escalação a sós e sem consultar os capitães (Caderno de Atas da AAA, 02/02/1929).

Em seguida, o Sr. Gentil, 1º capitão, acrescentou:

[...] os jogadores não estavam satisfeitos com a escalação feita, exigindo a retirada do Sr. Saverio Russo e pondo em seu lugar o Sr. Bartholomeu Maggi. Em vista disso, forçado por essas circunstâncias, ele retirou a escalação [em que constava o nome de] Saverio Russo, substituindo-o de acordo com o desejo unânime dos outros jogadores pelo Sr. Bartholomeu Maggi (Caderno de Atas da AAA, 02/02/1929).

Saverio parecia ter trabalhado junto ao novo diretor esportivo, pois este infringira a regra procurando, talvez, garantir a escalação do primeiro. A infração parece ter sido percebida pela comunidade esportiva, que reagiu de maneira vigorosa, evidenciando que o ato de Delfim não correspondia ao esperado. O incidente foi encerrado com a transferência de Saverio do 1º para o 2º quadro de futebol e com o envio de uma carta ao Sr. Delfim solicitando explicações sobre o ocorrido. As assembleias seguintes não voltaram a comentar o caso.

Em abril de 1929, no entanto, o tema retorna e assume contornos mais definidos. Silva é novamente convidado a comparecer a uma das assembleias em que

se questionava o critério da escalação de jogadores para o time principal. Ele então se manifesta dizendo que “sendo director esportivo não quer saber se os jogadores pagam ou não a mensalidade, que o que ele quer é ver bom quadro em campo” (Caderno de Atas da AAA, 29/04/1929). Delfim modificava completamente sua conduta colocando-se alinhado à posição dos capitães e jogadores do clube.

Com esse argumento, o diretor esportivo tornou explícitas as tensões em torno do futebol no clube. Ao afirmar sua autoridade como diretor esportivo – por reconhecer o que seria um bom quadro de futebol – ele expôs o uso de um critério meritocrático, isto é, fundado exclusivamente no desempenho esportivo em campo. Era exatamente a esse tipo de critério, em pleno vigor em várias associações esportivas, que se referiam os questionamentos de Saverio. Sempre em dia com os valores da sociedade (e com a análise das carteiras de associados), o sócio-fundador parecia não reconhecer tal critério para a escalação do 1º quadro. Para justificar sua posição, ele recuperava certas normas do clube.

Ao mesmo tempo, seus companheiros começavam a notar outras razões para as preocupações do colega, pois Saverio “só reclama[va] quando não era escalado”, segundo o depoimento de alguns deles em assembleia (Caderno de Atas da AAA, 29/04/1929), o que sugere certa ambiguidade no comportamento do sócio-fundador. Seu excessivo desejo de integrar o 1º quadro era mais comum em sócios-jogadores, personagens centrais nesse impasse. Assim chamados por se preocuparem apenas com o futebol, os sócios-jogadores contrastavam com figuras como Saverio que trabalhavam cotidianamente na organização do clube. Como sua ligação com a entidade era, em geral, restrita aos fins de semana, os sócios-jogadores tinham peso menor nos temas e votações nas assembleias. Nelas eram citados somente nos momentos em que desrespeitavam as regras do clube por inadimplência, por comportamento inadequado ou por atuarem em times de outros clubes, sendo esta a principal causa de serem citados.

Em verdade, muitos sócios-jogadores eram ligados a mais de uma associação esportiva não apenas em razão de seus trabalhos em fábricas e casas comerciais com times exclusivos de futebol³, mas devido ao seu desejo *de jogar*. Tal dinâmica era bastante semelhante ao que se passava nas associações recreativas voltadas para a dança e para o teatro. Elas forneciam aos varzeanos um leque de possibilidades para o uso de seu tempo livre nos primeiros anos do século XX e permitiam a associação em variados clubes, muitas vezes de maneira concomitante.

No que se refere especificamente ao futebol, tal dinâmica não parecia representar novidade entre os clubes varzeanos. Aproximadamente uma década antes, jogadores do Bom Retiro praticavam futebol no Sport Club Corinthians Paulista e na Associação Atlética Botafogo, da qual, aliás, teriam saído os idealizadores do clube alvinegro⁴. Isso parecia ocorrer também com os chamados clubes de elite, cuja circulação de jogadores despertou a atenção do pesquisador Negreiros (1992, p. 46):

[...] como e por que vários jogadores trocavam constantemente de clubes? Quais eram os mecanismos utilizados pelos dirigentes para que bons atletas viessem a defender as cores de um novo clube, uma vez que neles se defendia um esporte “eminentemente amador”, cujos ganhos eram físicos e morais, jamais pecuniários?

Tratava-se, pois, de uma prática estabelecida mesmo antes da característica movimentação no período profissional do futebol, iniciado oficialmente em 1933. Para este autor, a chamada “cavação – ato de atrair esportistas para um determinado clube” – já definia uma espécie de semiprofissionalismo que beneficiava os bons jogadores com pequenas vantagens. Embora não fossem “diretamente remunerados pela prática do futebol [estes] teriam um emprego, no qual talvez não precisassem trabalhar muito, se de fato trabalhassem” (Negreiros, 1992, p. 48).

No caso do Anhanguera, afóra a possibilidade de auferir ganhos extras pela participação nos quadros de fábricas ou casas comerciais, outro elemento talvez vigorasse nesse desejo de jogar todo sábado e domingo, nas palavras de antigos sócios:

[...] no festival, por exemplo, lotava. No festival jogavam vários clubes. Era um torneio num dia só, num sábado ou domingo. Lotava de torcida, todo mundo ia ver, todo mundo ia participar porque era uma diversão (Círiolo Magalhães, 2011)⁵.

Não parecia desprezível aos sócios-jogadores a possibilidade de protagonizar tais experiências coletivas que, em alguns casos, reuniam milhares de pessoas. Há que se imaginar o impacto de tornar-se conhecido para “operários pobres, outros tão pobres que nem operários eram e para os negros quando jogavam nos times dos brancos” (Seabra, 2003, p. 356). Daí que valia pagar, ainda que de maneira ocasional, pelos recibos das entidades esportivas

³ Pois, “com o surgimento dos primeiros clubes ligados a fábricas, o critério para a admissão de empregados sofreu alterações. Passou-se a preferir não apenas o bom profissional, mas aquele que também jogasse bem o futebol [o que] possibilitou que operários conseguissem melhores empregos, ou, então, complementassem seu salário através do ‘bicho’” (Antunes, 1992, p. 170).

⁴ Para Negreiros (1992), era justamente essa prática que revelava a ligação do clube com a várzea, indicando que a circulação de jogadores constituía um traço característico daquele espaço.

⁵ Entrevista com o Sr. Círiolo Magalhães, associado do Clube Anhanguera. Realizada em 12 de fevereiro de 2011.

às quais eles eventualmente se vinculassem, ou ficar sob ameaça de suspensões ou eliminações em face da múltipla associação ou mesmo da simples atuação em outro time.

Em tais situações estavam envolvidos principalmente aqueles de reconhecido desempenho futebolístico, e era justamente para eles que todos esses riscos pareciam menores diante da popularidade que adquiriam por sua atuação nos clubes do bairro. Não se pode esquecer que, nesse momento, a imprensa já realizava ampla divulgação dos eventos varzeanos, ampliando a escala das experiências esportivas que colocavam jovens jogadores como representantes de “uma nova identidade e de um novo estilo de vida” (Sevcenko, 1992, p. 34).

Esse era o caso de Barthô, que reconhecia sua fama junto à comunidade e dela vinha usufruindo em variadas situações. Talvez por essa razão ele adotasse postura tão diferente da de Saverio no Anhanguera. Embora ambos o tivessem fundado, Barthô agia como mais um dos sócios-jogadores, reunindo diversão e pequenos lucros em seu futebol. Já Saverio, ao contrário, figurava praticamente como um presidente emérito da sociedade: zelava por seus estatutos, suas regras e seus valores, envolvendo-se em constantes conflitos com os sócios-jogadores ao procurar submetê-los a tal funcionamento.

As posições e os embates entre os sócios-fundadores sintetizam algumas das tensões que marcaram a forma como o futebol estava sendo vivido pelos mais diversos segmentos do Anhanguera e mesmo por alguns de seus sujeitos. Esses impasses não estavam desvinculados do que se passava na cidade como um todo e na várzea, em particular. No que se refere especificamente ao futebol, há que se considerar a série de transformações advindas da progressiva entrada dos populares nos meios oficiais, a remuneração de jogadores – o que, para alguns, já representava os primeiros passos rumos à profissionalização do esporte – e a formação da imprensa esportiva. Diante dessas novidades, certas associações se esforçaram para manter distantes de seu cotidiano alguns dos conteúdos trazidos pelo futebol, caso de um importante clube nascido em meio à elite de São Paulo.

O Clube Atlético Paulistano, o amadorismo de elite e a popularização do futebol

De maneira semelhante ao Anhanguera, o Clube Atlético Paulistano reuniu algumas das principais tensões

presentes no futebol entre o fim dos anos 1920 e o início da nova década. Em primeiro lugar, por ser ele o clube mais representativo da elite paulistana. No clássico trabalho de Rosenfeld (2000), por exemplo, o Paulistano figura como o par oposto do futebol de várzea devido à constante evocação de seu *ethos* aristocrático. Esse traço é assumido pelo próprio clube, em vários momentos de sua história:

Havia uma coisa em que o Paulistano era imbatível: reunir gente bonita, elegante, os que contavam e comandavam a cidade, o estado, o país. [Lá] se encontravam o mundo financeiro, a elite cafeeira, os formadores de opinião. Embora houvesse garden parties em todos os clubes, as que recebiam maior atenção da imprensa eram as do Paulistano (Club Athletico Paulistano, 2000, p. 27).

De autoria de Ignácio de Loyola Brandão, o texto reitera essa imagem e também o fato, insistentemente destacado, de se tratar do clube que melhor campanha fazia de suas qualidades. Assim construídos, tais elementos tornavam sua vivência em relação ao futebol muito diferente daquela que se tinha na várzea.

No entanto, curiosamente, algumas experiências aproximavam esses dois universos. A começar pelo fato de dividirem os campos de futebol na Várzea do Carmo – uma vez que todo o futebol praticado na cidade foi inicialmente praticado nas várzeas dos rios. As demais se relacionam à maneira como lidaram com as novidades trazidas por essa prática esportiva, como se nota ao acompanhar alguns momentos da trajetória do Clube Atlético Paulistano.

Fundado em novembro de 1900 na Rotisserie Sportsman, à Rua São Bento, região central da cidade, por Ibanez Salles, Bento Bueno, os irmãos e primos Costa Marques e Mário Cardim,⁶ entre outros jovens representantes da sociedade cafeeira, o Clube Paulistano surge como o primeiro da cidade a ser formado só por brasileiros. Vinculado ao poder da família Prado⁷ desde o início, o clube figurou como uma das entidades esportivas que mais exerceram influência sobre o futebol até os anos 1930, tanto pelos resultados de suas partidas quanto por ditar as bases do que seria a *sportsmanship*. Tamanho destaque pode ser compreendido pela forma como realizava a incorporação de novos sócios: o clube só aceitava “os que, sendo público e notório, gozavam de boa fama na sociedade”, restringindo o acesso apenas aos indivíduos que se destacassem social e economicamente

⁶ Vinculado ao Estado de São Paulo, ele chefiou a seção de esportes do jornal *O Estado de S. Paulo* até 1909. Posteriormente, passou a redigir artigos também para a imprensa do Rio de Janeiro.

⁷ O velódromo de D. Veridiana Prado, por exemplo, foi sua sede esportiva até a transferência para o Jardim América, em 1917. Anos depois, Antonio Prado Jr., neto de D. Veridiana, foi presidente e conselheiro do clube.

na cidade. Critérios que revelam a busca pelo máximo de homogeneidade possível no corpo de associados. Esse propósito só se tornou viável devido à coincidência entre o que se entendia como *a sociedade* e o perfil desejado pelo clube, uma vez que a boa fama era um dado de origem e não uma conquista social.

O Clube Paulistano foi o primeiro a se opor ao ingresso de clubes varzeanos na Liga Paulista de Futebol e também o primeiro a se retirar quando isso aconteceu – a partir da entrada do Sport Club Corinthians Paulista. Além disso, segundo o discurso internamente construído por meio de frequentes publicações, o Paulistano nunca teria se rendido ao bicho, mantendo intocada a imagem do futebol amador que praticava:

O esporte caminhava para a modernidade e o profissionalismo, e isso contrariava o espírito com que fora introduzido no Paulistano. Não havia bichos nem salários. Tanto que Friedenreich sempre jogou sem ganhar nada, senão honrarias. [...] Ao deixar o futebol, Fried conseguiu um emprego como inspetor de vendas da Antártica, onde se aposentou (Club Athletico Paulistano, 2000, p. 58).

Essa documentação de cunho memorialístico, produzida por um associado, não nos permite saber se, de fato, Friedenreich não recebeu bicho enquanto jogou pelo clube, mas a partir dela é possível notar como se deu a construção e valorização dessa imagem vinculada ao amadorismo.

Em 1929, quando o Paulistano abandonou o futebol, deixando claro que o fazia por não mais haver o espírito puro da disputa, nas palavras de Antônio Prado Jr., sua revista mensal publicou a seguinte nota: “Considerando inteiramente perdido o organismo futebolístico paulista, em virtude do vírus da anarquia, do profissionalismo e de outras mazelas que o infeccionavam – o Paulistano extinguiu sua seção de *soccer*” (Club Athletico Paulistano, 2000, p. 59). A analogia higienista permitia, a um só tempo, evocar um sistema em harmonioso funcionamento e denunciar a pureza por ele perdida na degeneração por vírus e outras mazelas. É interessante saber quem zelava por esse corpo e qual foi seu receituário anos antes do abandono do paciente.

Em 1925, Antônio Prado Jr., então presidente do clube, organizou, com apoio de comerciantes, industriais e da imprensa paulistana, uma excursão à Europa como a última tentativa de salvar o futebol amador. Em março daquele ano, a bordo do navio Zeelândia, o time viajou para a França a fim de disputar um torneio panlatino. Essa passagem dos jogadores do Clube Atlético Paulistano por terras estrangeiras foi amplamente acompanhada e

explorada pela imprensa nacional. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por meio do jornalista Américo Netto, também sócio do Paulistano, publicava notas sobre o torneio e, em tom de coluna social, narrava momentos de descanso e lazer da equipe. Exemplo disso é a interessante descrição do encontro entre Antônio Prado Jr. e Jules Rimet, em jantar que homenageava a equipe. O conteúdo da conversa sobre o amadorismo na França e no Brasil é altamente revelador das posições assumidas diante do processo de modernização do esporte:

O amadorismo é um estado ideal, um sonho de perfeição, e, assim, praticamente inatingível. Conhecemos – sofremos mesmo – todas as manifestações do profissionalismo. Não podemos, porém, combatê-lo radicalmente na sua essência, pois ela tem fundamento na própria natureza humana [...]. Podemos quando muito restringir seus efeitos (in Club Athletico Paulistano, 2000, p. 58-59).

Para Rimet, amadorismo e profissionalismo eram essencialmente diferentes: o primeiro seria da ordem do ideal e do irrealizável, enquanto o segundo se situaria, em oposição, no plano da natureza humana, do real. A questão amadorismo *versus* profissionalismo não era uma novidade ou uma preocupação exclusiva de Rimet. No Brasil, a questão já estava vinculada à popularização do futebol. Em São Paulo, o debate foi acirrado e mobilizou a imprensa, sobretudo após a criação da Associação Paulista de Esportes Atléticos. Uma reportagem de *O Estado de S. Paulo* revela uma das posições assumidas na cidade em relação à participação de populares nas ligas oficiais:

[...] parece incrível que aqui, no Brasil, paiz que se orgulha, merecidamente, dos princípios mais liberais e democráticos, em todas as suas leis e em todas as suas manifestações sociaes, possa ainda ser tolerado que, na Capital Federal e no Estado de São Paulo, fiquem consignadas as absurdas exclusões dos operários, do direito de serem considerados amadores (in Araújo, 1996, p. 91).

Tal posição parece ter ressoado no Paulistano. Anos antes de sua excursão à Europa, em 1918, quando esteve às voltas com a maior crise pela qual passou, o clube produziu um resumo histórico em que lembrava seus feitos para falar aos “sócios firmes nos seus postos, impassíveis ante as revezes e prompts para todas as lutas tendentes a levantar e manter o nome da nossa gloriosa sociedade” (Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 5).

Já no primeiro capítulo, o texto faz referência à popularização do futebol:

[...] podemos nos gabar, sem receio algum, de termos concorrido para o desenvolvimento do football em São Paulo. Esse Sport, antes da fundação do nosso club era cultivado por diminuto número de moços – os alumnos do Mackenzie College e os sócios do Internacional. Entretanto, o esforço que ambos faziam, não apparecia fóra. Só era conhecido pelos que, por obrigação ou por devotamento, assistiam às raras justas promovidas pelos mais antigos. Cá fóra, a população quedava-se indifferente. Não sabia da existência do novo divertimento. Foi o Paulistano que popularizou o football (Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 5).

É interessante notar a forma como o clube aí se posiciona em relação ao Mackenzie e à população, sobretudo porque ele abandonaria a Liga Paulista de Futebol anos depois alegando não aceitar que esportistas e clubes varzeanos nela circulassem. Como então compreender que, em 1918, o Paulistano se colocasse identificado à popularização do futebol, diferenciando-se, inclusive, da posição do Mackenzie? Vejamos outro excerto do resumo histórico:

Popularizou é bem o termo, porque, antes d'elle, nenhum club se resolvera a fazer propaganda. Os primeiros sócios eram, effectivamente, escandalosos. Queriam, à força, provocar a atenção de todos. Ora, chamar a atenção do povo, era o melhor réclame e o mais poderoso estímulo. Sabe-se, hoje, o papel que representa o povo no Sport: é o elemento indispensável para a prosperidade dos clubs. E um club que não seja próspero, que não tenha renda, não pode aperfeiçoar-se (Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1918, p. 5).

Com base nesse trecho torna-se mais evidente o posicionamento do clube diante de tal contexto: ao povo cabia a assistência, devidamente paga, das partidas; aos sócios, a fidelidade ao clube – assentada no conhecimento de sua história e na aceitação do espírito desportivo,⁸ e possivelmente manifesta no pagamento das mensalidades.

O documento revela como o Paulistano se posicionou diante do novo contexto, em que os populares começavam a se movimentar, com força cada vez maior, no circuito fechado do universo oficial do futebol. É nesse sentido que se pode compreender sua decisão de, primeiramente, excursionar com seu time em 1925 e, ao final do mesmo ano, ser o principal responsável pela criação da Liga Amadora de Futebol. Tratava-se de intensificar sua defesa do amadorismo a partir do apoio de representan-

tes de entidades a ele ligadas, como o Comitê Olímpico Internacional, representado na ocasião por Jules Rimet.

Em 1930, o clube preferiu abandonar definitivamente a prática oficial do futebol sob a justificativa de continuar defendendo aquele plano ideal – embora existam inúmeros indícios de que outras razões, menos essencialistas, tenham contribuído para o fato. Pareciam altas as dívidas do clube logo após a queda da bolsa de Nova York em 1929 e, especificamente, da crise do café em São Paulo, no mesmo período.

Não interessa aqui, entretanto, explorar tais razões, nem mesmo se dedicar à trajetória do Paulistano em seus primeiros 30 anos, mas de acompanhar, por dentro da dinâmica do clube, como ele se movimentou diante das transformações que o futebol lhe exigia em comparação à forma como o Anhanguera se posicionou em face das mesmas questões.

O iminente processo de profissionalização do futebol – antecipado em arranjos como o mencionado bicho, a incorporação, nos clubes de elite, de jogadores das classes populares e até mesmo a integração de alguns clubes varzeanos às ligas oficiais – produzia uma brusca mudança nos valores e critérios de ação da comunidade do Paulistano, cujas referências eram mais estáveis e contínuas, como aquelas advindas do meio rural. Ver o futebol sendo constituído [também] como trabalho (Seabra, 2003) representava uma inversão na forma como o esporte era tratado por seus membros. Os elementos trazidos pela popularização e pela eminente profissionalização do futebol só poderiam ser aceitos – e de maneira velada, nos casos de bicho – se viessem reiterar a excelência aristocrática do clube e não, ao contrário, para abalá-la. É, pois, nesse sentido que o Paulistano orienta sua defesa do amadorismo.

Assim, mais do que investigar a veracidade da natureza amadora do Clube Paulistano, procurou-se compreender a que o clube reagiu quando evocou tal imagem em diferentes momentos de sua trajetória e de que maneira sua reação contribuiu para a construção da ideia de amadorismo no período.

Semelhanças entre o futebol de várzea e o de elite

Enquanto isso, o Anhanguera e outros clubes varzeanos de características similares não cogitaram a possibilidade de se modernizar para alçar-se à condição de clube da cidade por meio de sua oficialização junto às ligas de futebol e, posteriormente, de sua profissionaliza-

⁸ Em outro trecho desse documento, há a descrição do que configuraria o espírito desportivo: "A vida esportiva está sujeita a surpresas. Isto é uma banalidade corrente entre os sportmen, mas que nem todos se submetem a essa verdade" (Secção de Obras do Estado de São Paulo, 1918).

ção, tal como aconteceu com o Sport Club Corinthians Paulista. Para Negreiros, o clube do Bom Retiro iniciou suas atividades como um clube de bairro,⁹ mas

percorreu caminhos diversos, trazendo resultados significativos que contribuíram para a transformação de algumas estruturas do futebol em São Paulo. O SCCP fez parte do processo no qual ocorre a popularização do futebol em São Paulo, entendida como a possibilidade da estrutura do futebol oficial aceitar a participação de associações esportivas de origem social diversa, avaliando, principalmente, a competência esportiva. E considerando por popularização, ainda, uma maior interferência de amplos setores da sociedade na organização e direção do futebol oficial (Negreiros, 1992, p. 214).

O autor revela que a integração de um clube de bairro ao futebol oficial se deu na medida em que ele se propôs a ser também um clube da cidade, ou seja, um clube em acordo com a estrutura e o funcionamento da entidade que oficialmente organizava o esporte. Assim, clubes como o Ypiranga Futebol Clube, o Sport Club Corinthians e a Sociedade Esportiva Palestra Itália tornaram-se clubes da cidade ao se filiarem às ligas oficiais, o que foi visto por seus organizadores como um sinal de que haviam se modernizado, ou seja, haviam progredido “esportiva, moral e economicamente” (Negreiros, 1992).

A ideia de competência esportiva, de mérito vinculado apenas ao desempenho – e não ao nascimento – assumia um progressivo lugar de proeminência. Por um lado, tornava-se um dos critérios responsáveis pela incorporação de homens oriundos das classes populares ao universo oficial do esporte; por outro, era responsável pelas tensões ocorridas em clubes tão diferentes quanto o Paulistano e o Anhanguera no início dos anos 1930.

No caso do clube de elite, a ideia desestabilizava a lógica a partir da qual ele se organizava. Embora o clube não deixasse de com ela flertar, como no episódio envolvendo Friedenreich, parecia complicado deixá-la operar de modo absoluto, sobretudo porque poderia possibilitar a adoção de critérios de participação que não levassem em consideração a origem social dos associados.

Em relação ao Anhanguera, a questão tornava-se um pouco mais complexa. A competência esportiva também tensionava os valores que animavam o espírito gregário e hierárquico do clube, espírito este criado em meio à experiência comunitária e associativa de imigrantes advindos da península itálica. Ao mesmo tempo,

era justamente a possibilidade de exercitar e exibir essa competência que animava os sócios-jogadores da entidade. Assim, ainda que o Anhanguera condensasse algumas de suas práticas – como a de participar, concomitantemente, de mais de uma entidade esportiva –, ele se beneficiava de tal circulação. Sobretudo se for considerado o alto índice de associados interessados nos quadros de futebol, o que elevava a receita do clube. Um ajuste de interesses entre sócios-jogadores e diretoria era, pois, o fundamento implícito da associação.

As experiências do Clube Atlético Paulistano e da Associação Atlética Anhanguera apresentam traços semelhantes em sua reação institucional a alguns dos conteúdos novos que a prática do futebol lhes trazia. As brigas de Saverio e a decisão de abandonar o departamento de futebol no Paulistano eram parte dessa reação e tinham por base tradições muito localizadas: o associativismo familiar e de socorro mútuo, por um lado, e o *ethos* aristocrático, por outro. Ao contrário do que ocorreu com o Corinthians e com o Palestra Itália, que trabalhavam no sentido de tomar parte na moderna dinâmica do futebol, mostrando-se mais aptos a ela na organização e gestão de suas atividades, havia nos membros do Paulistano e do Anhanguera certa “disposição de estranhamento intrínseca ao processo de metropolização”, tal como revela Sevckenko (1992, p. 30-31).

Longe de se restringir apenas aos clubes em questão, a “disposição de estranhamento” de que fala o historiador refere-se a um contexto sociocultural mais amplo. Não se pode esquecer que a cidade vivia transformações sem precedentes advindas de uma urbanização acelerada, do advento da República, do fim da escravidão e do desembarque de milhares de imigrantes associado a um incipiente processo de industrialização.

É, pois, nesse contexto de instabilidade que os contornos do amadorismo se tornam mais evidentes. As demandas provenientes da formação do campo esportivo da cidade, em que se destaca a questão da profissionalização de jogadores e a circulação de novos valores, chocavam-se com a organização e os valores nos quais inúmeras associações esportivas se estabeleceram e que, em verdade, dialogavam com experiências praticamente “pré-modernas”. É preciso destacar, no entanto, que a reação à modernização e à profissionalização do futebol não impediu que conteúdos como a competência esportiva adentrassem o cotidiano dos clubes e modificassem códigos, comportamentos e até mesmo valores. É apenas em diálogo com essas modificações que se pode compreender a trajetória das associações em questão a partir dos anos

⁹ Os raros trabalhos sobre as especificidades do futebol praticado na várzea do Rio Tietê trataram da noção de clube de bairro, que se refere à ligação da entidade com sua localidade. Essa noção não era, pois, restrita ao que se passava nos clubes da várzea do Tietê, mas se estendia aos clubes suburbanos que tinham no futebol e no bairro suas principais referências (cf. Seabra, 2003; Negreiros, 1992).

1930. Enquanto o Paulistano encerrava definitivamente sua participação no futebol da cidade, o Anhanguera e outros clubes varzeanos, ao contrário, prosseguiram e modelavam, à sua maneira, o que os novos ares e as tensões próprias do esporte lhes traziam. Lembremos que “celeiro de craques” e “amor à camisa” são apenas algumas das expressões associadas a seu universo.

Referências

- ARAÚJO, J.R.C. 1996. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 179 p.
- ANTUNES, F.M.F. 1992. *Futebol de fábrica em São Paulo*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 190 p.
- CADERNO DE ATAS DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ANHANGUERA. 1928-1934. São Paulo, 290 p.
- CLUB ATHLETICO PAULISTANO. 2000. *Corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo, DBA, 131 p.
- ELIAS, N.; DUNNING E. 1994. *Sport et civilisation: la violence maitrisée*. Paris, Éditions Fayard, 389 p.
- NEGREIROS, P.J.L.C. 1992. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 122 p.
- ROSENFELD, A. 2000. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva, 106 p.
- SCHPUN, M.R. 2007. O cinema mudo em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuados. *ArtCultura*, 9(14):71-81.
- SCHPUN, M.R. 1999. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo, Senac/Boitempo, 164 p.
- SEABRA, O.C.L. 2003. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. São Paulo, SP. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, 397 p.
- SECÇÃO DE OBRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. 1918. *Resumo Histórico do Club Athletico Paulistano*. São Paulo.
- SEVCENKO, N. 1992. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 390 p.
- SIQUEIRA, U. 2002. *Clubes e Sociedades dos Trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924)*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 206 p.
- SIQUEIRA, U. 2005. Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a Primeira República. *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, 12(14):75-86. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/169>. Acesso em: 03/03/2012.

Submetido: 01/02/2015

Aceito: 15/10/2015